

DO PINCEL AO PÍXEL: SOBRE AS (RE)APRESENTAÇÕES DE SUJEITOS/MUNDO EM IMAGENS

GUILHERME SUSIN SIRTOLI¹:

ITALO FRANCO COSTA²; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – italofrancocosta@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e divulgar os resultados parciais do projeto de pesquisa “DO PINCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), o qual está em vigência desde 2016. Frente às novas tecnologias e seus produtos imagéticos, um desafio que se apresenta à formação docente em Artes Visuais diz respeito à significação do manancial imagético produzido através dos novos aparelhos. Isso compreende o entendimento da formação e leitura das imagens, em prol do desenvolvimento da sensibilidade ao visível de sujeitos ativos na transformação do mundo ao redor.

Sobre o assunto Annateresa Fabris destaca que atualmente “a imagem deixa de ser o antigo objeto óptico do olhar para converter-se em *imagerie* (produção de imagens)” (2009, p. 201), referindo-se às transformações provocadas pelas novas tecnologias. Portanto, a palavra *Imagem* está mais relacionada ao impacto de sua visibilidade cultural do que propriamente à representação visível de algum objeto ou situação. Assim considerando, nas pesquisas desenvolvidas no PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), consideramos o sentido de *Imagem* relacionado ao que ela evoca através das relações simbólicas que manifesta, referindo em particular a sua capacidade de instigar no espectador a apreensão de sentidos que extrapolam a representação. Logo, podemos considerar que “a imagem é uma configuração visual de qualidades sensíveis capaz de produzir significação” (CAMARGO, 2011, p. 211), o que lhe confere a passagem do estatuto de signo para significante, e “por ser significante, implica conter ou revelar significados, sentidos, essências” (id., p. 211), resultantes do modo como cada um apreende e comprehende, sensória ou cognitivamente, o mundo por nós partilhado.

A importância e a centralidade diferenciadas das imagens (em especial as fotográficas) no cotidiano das sociedades ocidentais se devem não apenas à quantidade e diversidade de imagens a que cada indivíduo acede no seu dia-a-dia, mas também aos diversos fins para os quais elas são utilizadas. Percebe-se, portanto, a necessidade de estarmos atentos às pequenas figuras que povoam o cotidiano para entendermos o tempo presente. E digo isso, na compreensão de que com a explosão da “civilização da imagem”, a produção obsessiva das imagens distrai e banaliza intenções ocultas, obliterando a nossa percepção daquilo que nos constitui como sujeitos uns.

Este projeto busca ampliar os conhecimentos produzidos no âmbito do PhotoGraphein em suas pesquisas pontuais, voltadas para o desenvolvimento de sujeitos docentes capacitados ao reconhecimento da arte como expressão dos fundamentos das atitudes sociais, de mentalidades e comportamentos. Nesse

sentido, privilegiamos a exploração de meios alternativos de produção de imagens, em especial as fotográficas, em contraponto ao uso dos meios digitais e de suas resoluções matemáticas. Tal proposta visa um retorno às origens dos processos tecnológicos para entendimento da atual visualidade, dos recursos de produção de imagens e suas reverberações no público escolar, e delimitação de metodologias possíveis para o desenvolvimento de práticas pedagógicas em artes visuais em consonância com as solicitações da contemporaneidade.

No contexto de relações que caracterizam a “anestesia da criatividade imaginária” problematizada por Gilbert Durand (2000, p. 36), a imagem fotográfica está presente e plenamente integrada em praticamente todas as esferas da vida em sociedade, desde as que permeiam o espaço de circulação, em especial o urbano, assim como as que pertencem à documentação pessoal de cada pessoa. Tal conjuntura nos convoca a refletir sobre a fotografia como um recurso de representação das pessoas e dos seus percursos (auto)biográficos, e, principalmente, de criação e acumulação de conhecimentos produzidos sobre os sujeitos/fotógrafos e seus imaginários. E vale destacar que na contemporaneidade o imaginário deixou de ser entendido como fruto de uma percepção direta da realidade. Hoje, como nunca, ele se constrói através de uma visualização incessante das representações da realidade produzidas pelas imagens técnicas.

Na análise de tal situação os pesquisadores do PhotoGraphein perceberam que é imperativa tal discussão a partir do caráter interdisciplinar da Imagem, congregando outras áreas para nos ajudarem a expandir os questionamentos, cientes de que é preciso considerar a existência de um campo de intercâmbio entre as imagens e os espectadores, constituído por estímulos e respostas. Desse modo, ampliaremos as discussões acerca do “campo de jogo” estabelecido através da capacidade que temos de distanciamento perspectivo em relação ao meio, o que permite a captação das realidades e a fundação da vida cultural através da ação criativa (LOPEZ QUINTÁS, 1992) pelo viés de diferentes referências teóricas.

“A imagem em contato com o real — uma fotografia, por exemplo — nos revela ou nos oferece univocamente a verdade dessa realidade? Claro que não” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 207). Consideramos que a problematização apresentada por Didi-Huberman é importante para pensarmos sobre a “realidade” apresentada pelas imagens fotográficas num tempo de banalização do ato fotográfico (DUBOIS, 1984), favorecida pelas novas tecnologias. E é sobre tais questões que ao longo dos últimos anos desenvolvemos pesquisas no âmbito da educação, referidas particularmente à área da formação docente em Artes Visuais. Nelas consideramos a abordagem antropológica da fotografia associada a uma perspectiva sociológica, contribuindo, assim, para a formação de profissionais em consonância com o seu tempo histórico. Refiro-me a práticas comunicativas que instigam o pensamento simbólico, como um meio de sobrepujarmos a imaginação reprodutora, que geralmente alimenta as práticas e os discursos pedagógicos, visto que “a comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica” (BACHELARD, 1993, p. 2).

2. METODOLOGIA

A investigação é caracterizada por uma metodologia qualitativa, de caráter construtivo e dialógico. Tal abordagem privilegia a experiência como elemento de análise da realidade, valorizando a percepção e a expressão subjetiva. Os procedimentos metodológicos do projeto dividem-se em três etapas, a saber.

Inicialmente recorreremos ao levantamento bibliográfico sobre o tema Imagem e avaliaremos os resultados de pesquisas anteriores desenvolvidas no Núcleo, analisando a formação docente em Artes Visuais em sintonia com as solicitações das novas tecnologias da informação e da comunicação. Também serão promovidas deambulações pelo espaço urbano das cidades de Pelotas e Rio Grande, buscando subsídios para a análise do impacto das imagens nesses contextos.

Da segunda etapa constam: a divulgação das pesquisas dos professores colaboradores para a equipe acadêmica, presencialmente ou à distância (via skype), através de seminários abertos à comunidade, com o intuito de analisar o tema pelo viés interdisciplinar; e a realização de deambulações e intervenções artísticas urbanas.

A terceira etapa contemplará a sistematização dos dados angariados; e o planejamento e divulgação da Revista Eletrônica semestral intitulada Arqueologias do Olhar, cujo número inicial será composto por artigos dos envolvidos no projeto, além do planejamento de um evento “Do Pincel ao Pixel” que contará com mesas redondas cerceando o tema da “Imagem e seus desdobramentos contemporâneos”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados presentes são condizentes com o final do segundo ano de projeto, porém de caráter parcial, uma vez que damos início à terceira e última fase do mesmo.

Da revisão bibliográfica constaram leituras e fichamentos de textos de autores como Susan Sontag (1981), Gaston Bachelard (1993), Charlotte Cotton (2013), Jacques Rancière (2009) e Vera Antonieta T. Brandão (2008) que possibilitaram a escrita de artigos e a participação em eventos científicos. Obtivemos como resultado a finalização do primeiro semestre de 2018 do ciclo de cinema e debates intitulado “Fotografia com Pipoca” que já está em seu segundo ano. Iniciado em 2016, a atividade de extensão buscou através da exibição de filmes e rodas de conversas, ampliar as discussões acerca da fotografia e suas (re)apresentações do mundo. Os filmes são escolhidos e apresentados por professores convidados, onde os encontros reuniram em torno de trinta pessoas, que participaram ativamente dos debates, possibilitando a troca de ideias com a comunidade em geral.

Também nesse primeiro semestre de 2018 realizamos outras atividades de interesse universitário, tais como a segunda mostra da exposição “PhotoGraphein na Fronteira”, dessa vez no Doce Café no Balneário Cassino – Rio Grande (RS). Reuniu fotografias que os pesquisadores do Núcleo registraram durante viagem de estudos às cidades da fronteira Brasil-Uruguai. Outra atividade de extensão que realizamos foi a oficina de Arte Postal proporcionada pelo “Scratch Day – Pelotas”. O evento de escala global reuniu a comunidade escolar pública, a comunidade acadêmica e profissionais da tecnologia e artistas locais e promoveu um dia de atividades que celebram os chamados 4 ‘P’s da aprendizagem criativa, que seriam Projeto, Pares, Paixão e Play.

Foram realizadas também duas oficinas na semana acadêmica “A Palavra Chama”, do curso de Artes Visuais: a oficina de foto-livro, explorando reflexões acerca do conceito da Chama de uma Vela, do filósofo Gaston Bachelard; e outra oficina sobre pesquisa autobiográfica, que teve como base as discussões trazidas pelo bolsista Ítalo Franco apresentadas em seu trabalho de conclusão de curso, intitulado “A Jornada do Herói: Uma metáfora Possível para a Formação

Docente”, no qual compara sua formação como futuro docente às etapas da jornada mítica do herói de Joseph Campbell.

No final do período letivo também organizamos a palestra “Arte como Resistência em Espaços de Conflito”, apresentada pela bacharel em Artes Visuais (CA/UFPel), Carina Neves, que compartilhou com o público a sua experiência numa missão humanitária, realizada através do Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel (Programa de Acompanhamento Ecumênico na Palestina e em Israel), vinculado ao Conselho Mundial de Igrejas, em 2017.

No segundo semestre de 2018 continuaremos em direção aos objetivos finais, dando continuidade às gravações dos podcasts, iniciadas em Julho, com discussões sobre fotografia e educação entre os membros do grupo de pesquisa e também com falas de professores colaboradores do projeto e professores convidados.

4. CONCLUSÕES

Os questionamentos que balizam a pesquisa referem-se à necessidade da ampliação dos debates acerca da Imagem, seus meios de produção e circulação, um tema atual sobre o qual ainda não temos parâmetros suficientes de avaliação. Nesse sentido, é possível afirmar de antemão a relevância de uma investigação que se propõe a adentrar numa área ainda em construção. As atividades desenvolvidas possibilitaram uma maior aproximação com a comunidade em geral, como preveem os objetivos do projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CAMARGO, Isaac Antônio. IMAGEM: representação versus significação IN: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **IMAGEM EM DEBATE**. Londrina: EDUEL, 2011, p. 205-218.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1984.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

FABRIS, Annateresa. A IMAGEM HOJE: ENTRE PASSADO E PRESENTE IN: DOMINGUES, Diana (org). **ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – Passado, presente e futuro**. São Paulo: UNESP, 2009.

LÓPEZ QUINTÁS, A. **Estética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.